

# O Progresso Catholico

...sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

...ad ea quae sunt priora extendens me ipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu

ID. 13. 14.

SUMMARIO: *Pastoral do Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Sr. D. Manuel Agostinho Barreto, Bispo do Funchal, acerca do centenario do Infante D. Henrique; Fundação da missão de S. Bento de Tynniquire, por L. M. Muraton.*—Secção Scientifica: *O diabo e as suas obras*, pelo Dr. D. Salvador Casañas y Pagés.—Secção Critica: *Equilibrio*, por Dom Antonio d'Almeida.—Secção Bibliographica.—Secção Illustrada, por R.—Secção Litteraria: *Soneto*, pelo Padre Joaquim da Fonseca.—Secção Necrologica, por D. P.—Retrospecto: por D.

**Gravuras:** *Infante D. Henrique; A' sombra do arvoredo; Distribuindo a razão.*



INFANTE D. HENRIQUE

**Pastoral do Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Sr. D. Manuel Agostinho Barreto, Bispo do Funchal, acerca do centenario do Infante D. Henrique**

*Dom Manuel Agostinho Barreto, por Mercê de Deus e da Sancta Sé Apostolica, Bispo do Funchal (Ilhas da Madeira e Porto Santo), Prelado domestico de Sua Sanctidade, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, etc.*

Ao reverendo clero e aos Fieis d'esta diocese saude, paz e benção em Jesus Christo, nosso divino Salvador.

**P**ORTUGAL vae pagar uma divida sagrada a um de seus filhos mais distinctos, que, sendo uma gloria da patria, foi ao mesmo tempo um benemerito da humanidade. E assim como, ha pouco mais de um anno, nós quizemos celebrar a descoberta do novo mundo, e enaltecer o nome glorioso de seu descobridor, o illustre Christovão Colombo, não só porque a isso nos convidava o Vigario de Christo, mas tambem porque este archipelago fôra visitado por elle e talvez lhe servira de escola e aprendizado, e, sobre tudo, por ter sido a fé catholica o principal estimulo d'aquelle arrojado empreendimento, reflectindo-se, por tanto, na santa Igreja a immarcessivel gloria do alto feito; assim tambem agora nos propomos exaltar esse vulto grandioso de um nosso compatriota, o inspirado iniciador das modernas descobertas atravez do atlantico, das primeiras navegações de longo curso, que é uma gloria nossa, que foi sempre inspirado pelo amor da religião, da sciencia e da patria, o benemerito, audacioso e inolvidavel infante D. Henrique de Portugal.

Este glorioso filho d'aquelle glorioso monarcha que se chamou D. João I, se nos apresenta com incontestaveis titulos de magestosa grandeza, altamente credores de nossa admiração, de nossos respeito, de nosso reconhecimento, que mal poderiamos nós, principalmente os Madeirenses—ficar silenciosos em tão solemne momento. Se a cidade do Porto, onde elle nasceu, tomou a nobilissima resolução de celebrar o seu quinto centenario, nós, habitadores do archipelago que foi as primicias de seus descobrimentos, não podiamos sem desdôiro, sem nota grave de censura vel indiferença e de feia ingratição, permanecer mudos e quedos. E' licito esperar que todos os habitantes do Porto Santo e da Madeira queiram, n'esse dia solemne, render graças ao Altissimo por haver concedido a Portugal um homem tão insigne, honra da patria e do mundo, servo fiel que soube negociar amplamente com os talen-

tos que recebeu do seu Deus e Senhor. Ousamos tambem acreditar que as classes mais distinctas da sociedade venham unir-se ao povo fiel, sendo as dignas auctoridades civis e militares, judicias e administrativas, litterarias e fiscaes, as primeiras a dar seu nobre exemplo de homenagem ao homem grande pela ascendencia, pela virtude, pelo talento, pelo valor, pelo patriotismo, qual foi o infante D. Henrique.

A vida d'este principe abre um cyclo novo e importantissimo na historia da patria. Bem merece elle que os homens de sciencia lhe consagrom seus talentos, que o descrevam os biographos, que o cantem os poetas, que o celebrem os oradores, que o venerem e admirem todos aquelles que têm alma digna e capaz de apreciar as legitimas glorias, as mais peregrinas virtudes. Acudam, pois, a este torneio gentil e brioso quantos sentem arder-lhes no peito o amor da religião e o amor da patria, a paixão da sciencia e o enthusiasmo da gloria. Nós apenas podemos entoar no templo um cantico sagrado, uma prece repassada de sentimento, e traçar aqui duas palavras incorrectas e desprimorosas como tributo bem tenue do que cremos e sentimos.

Quem foi o infante D. Henrique de Portugal e quaes suas virtudes e seus feitos? Esboçaremos rapidamente as feições d'este heroe lusitano.

(Continúa)

**Fundação da missão de S. Bento de Tymniguiro <sup>(1)</sup>**

**T**RANSCREVEMOS da Nação a formosa carta d'um dos Padres do Espirito Sancto, evangelizador da nossa Africa.

*Carta do Padre Muraton, superior da missão do Jau, ao Rev. Padre Superior Geral da Congregação do Espirito Santo, (Paris).*

S. Bento do Tymniguiro 4 de julho de 1893—(publicada nos *Annaes Apostolicos da Congregação*—Janeiro—94).

Vou parecer-vos, rev.<sup>mo</sup> Padre, uma alma penada; ha tanto tempo, que estou silencioso! Hoje porém vou pôr-me

(1) Este Ty, segundo o alfabeto de Lopsius, vale o nosso *ch* provincialino, que um pessimo afrancezamento expulso das classes cultas e das grandes cidades, de maneira que essa som, tão italiano ainda, e tão usado nas linguas da nossa Africa, não tem caracter que o signifique em nossa escripta actual. Na pronuncia do nome da nova missão, achamos Tymniguiro, que o Padre Muraton escreve Tymniguiro o parece dever ser o mais exacto, porque o Rev. Padre estava e tinha passado algum tempo na localidade.

O Tymniguiro é uma missão agricola,

decididamente a escrever, e mau grado vossas tão multiplicadas occupações, a despeito das preoccupações do vosso cargo, ou antes mesmo por causa d'ellas, proponho distrair-vos um pouco com risco de vos enfastiar muito.

Estive seriamente doente, como talvez o tercis sabido. Haviam mesmo decidido uma viagem á Europa; mas como o Rev. Padre Antunes, meu superior, gosta muito de moveis velhos, mesmo dos inuteis, passo que me guardaram por puro sentimento artistico e, a despeito dos medicos, quasi que recobrei a saude. Agora estou no Tymniguiro a caminho de refazer de novo as minhas forças. O ar é puro, virgem de microbios; dizem ser o melhor clima do planalto. Quizeram tentar experimental o commigo e acho-me bem com isso.

O Tymniguiro!!! Que barbaro nome, lireis! O que vem a ser isso? Eis uma localidade em tudo semelhante a Paris, menos as casas e os habitantes, menos os boulevards immensos, as ruas emfim, menos as coisas grandes e pequenas, que lembram a civilização. De resto, que bello paiz! e sobretudo que soberbo valle, inteiramente nossa propriedade! Figurae-vos uma pequena *Limagne* de 8 kilometros de comprido sobre 1 de largo, termo medio, terreno de qualidade superior, sem declive sensível, facil de cultivar; com uma ribeira, que seria de todo semelhante ao Sêna, se tivesse menos alguma agua, mas tendo bastante para regar a propriedade mesmo nos tempos do maiores seccas, tão frequentes n'estas regiões.

Alem d'isso, tudo isto é um dos sitios mais pittorescos, que tenho visto! O valle está encaixado por todos os lados em uma cadeia de collinas de uma vegetação um pouco magra, mas não sem belleza. Em seus flancos empinam-se rochedos gigantes, de formas variadas e estranhas, como sobrepostas ás nossas plantações, parecendo pretes a esmagar o transcunte! Nas fendas, onde ha alguma terra, crescem de ordinario as acacias espinhosas, o zambugeiro ou arvores sem analogia em França. Desde as cristas escalonam-se, como temerosa linha de fortalezas, rochedos recortados, que parecem, a ponto de enganar, castellos da Edade-media, com suas ameias e seteiras, e para

destinada a ser o celviro da missão de Huilla, a leste e a 110 kilometros de Mossamedes. O Tymniguiro jaz a 20 ou 30 kilometros a noroeste da missão de Huilla.

Para bem perceber a narrativa, cumpre imaginar que a leste de Mossamedes se estende o deserto de areia, com pequeno relevo acima do nivel do mar—que, caminhando para leste, se encontra a serra da Chella, com sua formidavel muralha de rochedos, quasi em linha perpendicular e com uma altitude de 1:600 a 2:000 e mais metros de altitude, que das cristas da serra se vai descendo por leve inclinação para leste.

ajudar a illusão, encontra-se muitas vezes o leão, fazendo de marquez ou de conde de outra ora!

Estes rochedos, estas collinas, são aliás um novo e precioso recurso. Ah! temos á nossa disposição, sem exagerar, milhões e talvez biliões de metros cubicos de cal. Já fizemos experiencias e a cal obtida vale bem a da Europa, raputada a melhor!

Para o poente, a duas horas de caminho, eleva-se a cordilheira imponente da Chella de 2:000 metros de altitude, termo medio, sem declive bem sensível do lado do planalto, termina-se bruscamente, em perpendicular ou quasi, do lado do deserto, que ella limita. Dir-se-ia uma muralha immensa, ali posta pelo genio da Africa, para cortar o accesso ao viajante e isto no percurso de muitos centos de legoas. E' a separação de dois mundos, um desolado, queimado, sem agua, sem vegetação, quasi sem habitantes; o outro ridente, fertil nos bous annos, com uma população numerosa, que só espera a luz para se tornar um verdadeiro povo.

D'estas alturas, a vista abraça um panorama, o mais vasto, o mais admiravel, que olhos de homem possam contemplar. Olhae para poente: a vossos pés o deserto immenso, sem limites perceptíveis, que vos separa do mar. Arborizado a principio, ao pé das montanhas, a vida vae se apóz rareando até desaparecer completamente a caminho da costa. Ao longe, este deserto desfaz se no horisonte em uma facha branca, desesperante em sua monotonia. E' um mar de areia, levantado ás vezes, como as moveis aguas do oceano...

A espaços, em meio das solidões apparece um ponto, mais ou menos extenso, parecendo uma nodoa de tinta; são rochas torreadas, destacando no meio da côr branca do areal. A' direita ficam-vos as montanhas da Tampa e da Bibala. A' esquerda os picos da Bandia, sobrepostos em escalões gigantescos. Além, mais longe, os montes selvagens do Hoque, cobertos de verdura e onde, dizem os pretos, habitam os diabos, e os feiticeiros vão procurar as *preciosas raizes, que preservam da morte!*

Emfim, por traz de vós o planalto, abaixando-se insensivelmente para leste, cortado em todos os sentidos por colinas ridentes, revestido de uma floresta sem fim, ou de pradarias, onde pastam rebanhos numerosos, e povoado de tribus innumeraveis, mergulhadas na ignorancia, esperando salvadores!...

Como este sitio convinha bem para uma Missão! Esta posição privilegiada não podia escapar á vista do Rev.º Padre Superior. Foi assim resolvido, na maior força da fome, estabelecer-

mo-nos ali sem demora. O Padre Bonnefoux, já um pouco velho no mister, tornado quasi insensível nos caprichos dos elementos, foi escolhido para lançar os fundamentos d'esta tão esperancosa obra.

Partiu-se na manhã de 25 de fevereiro de 1892, sob uma chuva violenta. A viagem foi n'um d'esses grandes carros, proprios para o paiz, puchado por 30 a 40 bois, sob a direcção dos Irmãos Maximo e Luiz. Chegados ao local, os viajantes apressaram-se a levantar a sua barraca; preparava-se uma formidavel tempestade. Toda a caravana, composta do Padre Provincial, do Padre Bonnefoux, dos Irmãos Maximo, Luiz, Brito e Albano, mais uma dúzia de rapazes (da Missão de Huilla), mais 3 cães, 4 ou 5 gallinhas, uma velha gata, alojou-se mais ou menos bem, uns nos carros, outros na barraca, e esperou-se a sangue frio a tormenta.

Era tempo: um vento furioso, acompanhado d'uma chuva diluviana, cahiu no valle e enfuscou toda a noite. Ceiou-se um pedaço de pão secco e alegria; depois, cada um procurou um canto para passar a noite. Os nossos dormentes puchavam já os cobertores para cima da cabeça, com adivinhavel satisfação, quando um pé de vento levantou a barraca, como uma bola de sabão. Gallinhas, gente, gata e cães, fizeram uma terrível embrulhada, um discordante berreiro de queixumes, de gritos, de exclamações! Contam-se; falta um homem; seria levado por alguma fera no curto momento da desordem?... Demais era um Padre, o Padre Bonnefoux. O susto éra serio, e eis que, á luz dos relampagos, viu-se, sob os pannos da barraca ainda por terra, remecher-se algum ser, depois, pouco a pouco, e á força de esforços, appareceu uma perna, depois duas, depois todo o corpo do caro confrade; mas todo enlameado e molhado, quasi incognoscivel. Apoz as reparações necessarias, todos riram á vontade da aventura. Levantou-se a barraca; mas toda a noite se passou a lutar com o vento.

De manhã começaram as installações provisórias. Construiu-se uma casa assaz grande e muito pouco commoda, onde se habitou até ao fim das chuvas.

A Missão fundamentava-se e lançava as suas primeiras raizes; como, porém, vinha implantar-se em paiz inteiramente selvagem, cumpria primeiro tomar posse d'elle em nome do dono e por um acto publico, solemne; consagrar o paiz inteiro a esse Deus conhecido, que alli ia ser prégado. A' pressa fez-se uma grande Cruz; procurou-se na visinhança o local mais proprio para a levantar. A um kilometro elevava-se um pico, dominando tudo ao

longe, verdadeiro gigante entre gigantes. Era o que convinha. A cerimonia foi tão imponente, quanto era possível em meio de bosques e de selvagens.

Agora, já lá em cima, estava a Cruz, elevando-se magestosa, estendendo os seus braços, como para abraçar as gentes desamparadas; como a convidal-as a vir procurar a seus pés a paz prometida aos homens de boa vontade, a luz da alma, o bem do coração. Pobres gentes; respondam ellas prestes ao chamamento. ... *O' Cruz, ave, spes unica!*...

Os trabalhos de installação foram assaz penosos, como os principios de todas as obras. As chuvas, escaceantes até então, cahiram a torrentes por mais de quinze dias e não incommodaram pouco os trabalhadores.

Entretanto, o Padre Bonnefoux procurou, pelo meio d'esta bella natureza, então pouco agradável, o melhor sitio para as construcções. Este Padre tem uma fraqueza: elle ama as montanhas; n'ellas nasceu e tende sempre para as remontar. O valle, a 1:800 metros de altitude, era muito baixo para elle; faltava-lhe o ar!...

No centro da propriedade levanta-se um monticulo de uma encantadora originalidade, quasi a prumo, irriçado de rochedos, dominando, com os seus vinte metros, ao menos, todas as cercanias. Este pequeno Montmartre atrahiu as vistas do nosso confrade e sentiu-se por elle attrahido como o ferro pelo iman e subiu lá... Foi logo decidido; lá seria a casa definitiva; seria muito maior o trabalho, muito mais pedras a botar abaixo. Emfim, decapitar a collina; mas que bello local!

Pozeram-se mãos á obra, e o que nunca se vira no paiz, talvez em nenhum paiz, cortar a parte superior de um monte, deital-a abaixo, e na terraplanagem construir uma casa; está feito no Tynniguiro. Assim, para os pretos que exprimem aqui a sua admiração por modo muito original e um pouco forte para ouvidos europeus, «o Padre Bonnefoux é o maior animal que tenha apparecido na terra». Perdoae esta expressão muito verdadeira e que nada tem de offensiva na lingua indigena. Os nossos selvagens veem de muito longe visitar nos e ver o homem estranho que corta montanhas como quem corta queijo. Isto dá-nos occasião para estudar os costumes e os espiritos, de deitar, passando, um grão da divina semente, que desejariamos ver tudo iuvadir e nos fazer reconhecer por enviados do Deus.

A's vezes, tambem estas visitas se traduzem em scenas de tanto comicas: assim, ha quasi um mez um velho chefe da Batata, cuja auctoridade pode corresponder á de um *maire* em

França, apresentou-se com o seu tributo de admiração ás maravilhas realizadas. Chegado ao monticulo, assentou-se n'uma pedra, silencioso, com a mão direita sobre a bocca aberta, abandonando a cabeça com um ar de entendido, significando «... Basta! basta! Sei do negocio; se não foi o diabo que fez isto, não quero ser mais da sua familia...» Abordei-o, saudei-o; saudou-me tambem com um ar risivel, que elle queria fosse digno; depois, olhou-me desde os pés até á cabeça, e ás vossas para se assegurar, de que o missionario, o grande feiticeiro branco, como elles dizem, não tinha os pés de bode, como os feiticeiros lles asseguravam... A sua inspecção agradou-lhe porque desatou a rir doidamente. A companhia imitou-o e durante cinco minutos démo nos ás contorções as mais inesperadas. O velho levantou-se por fim e retomando o caminho por onde viera, contentou-se com dizer, apontando-me a dedo: «Oh! Esse tem cara de tolo: não foi elle que cortou a montanha!...»

De resto a casa vae subindo lentamente. A fome aperta-nos, ha quatro annos, e entre muros de um lado e campos a cultivar do outro, não houve hesitação. Os nossos rapazes emmagreciam á fome; apenas, durante muitos mezes, temos podido dar-lhes o bastante para não morrerem de fome. E em torno, entre os selvagens, qual espectáculo! Cadaveres semi-vivos arrastando-se sobre as mãos e os joelhos até ás nossas portas, pedindo-nos a graça de uma esmola, mesmo só umas migalhas de pão! E nem as havia, nem as ha ainda e os desgraçados cahiam e cahem todos os dias em grande numero para nunca mais se levantarem!...

Como a fome é terrivel! E como os nossos amigos da Europa seriam felizes se podessem ver com que alegria e com que reconhecimento são recebidas as suas esmolas por esta pobre gente.. Em face de tantas miserias, nós trabalhamos, e fizemos o possivel para tirar d'esta terra, nossa propriedade, terra promettida, e como nenhuma outra, alguns magros soccorros. Estão já semeados e cultivados 14 hectares; mas o que é isso para os nossos 500 rapazes e raparigas e para milhares de esfaimados... Nós vivemos portanto, ha quatro annos, como o passaro sobre a arvore, dando apenas o estricito necessario á nossa grande familia, aos nossos orphãos. Mas ficamos sempre na impossibilidade de soccorrer os miseraveis selvagens. E entretanto, quanto bem se não poderia fazer com algumas esmolas! Sem contar os numerosos resgates de escravos, que ellas facilitariam, seriam tambem occasião de muitas conversões. O preto, mesmo o de

cabellos brancos, é uma creança grande, de uma intelligencia muitas vezes limitada; é necessario fazer-lhes tocar com o dedo as verdades da fé, mostrando-lhe a verdade de nossa santa religião pela caridade pratica. E' por meio do estomago, que a maior parte das vezes se lhe chega á alma. Quando elle vê praticamente, que é amado e que o soccorrem, sem esperanza de recompensa, abre-se-lhe meia luz em seu espirito, começa a reflectir, e de reflexão em reflexão, chega á verdade e pede elle mesmo o baptismo!... Eis o que produz a esmola de vintens.

O orphanato do Tymniguiro conta já 65 creanças pretas, em grande parte arrancadas á escravidão. Para isto serve o que se nos dá. Desde o mez de maio de 1892 foram resgatados 140 creanças dos dois sexos. Alguns morreram já e como elles rogarão no céu, onde decerto estão, pelos seus bemfeitores e salvadores! Os outros foram repartidos pelas nossas missões, onde aprendem a amar a Deus e a serem homens. Temos tambem um certo numero de creanças livres e aqui mesmo dois principes, futuros reis de tribus, por agora simples aspirantes ao throno. Vieram-nos, como atrahidos por não sei que voz mysteriosa, mau grado seus paes, que nos representavam como basiliscos, promptos a devoral-os no primeiro dia de mau humor.

Foram agora baptisados; estão contentissimos por terem trocado os seus feitiços pelo Deus verdadeiro; os seus costumes pelos nossos, e os seus vestidos rudimentares por um bom panno. Os paes já deposeram as suas prevenções; um bom sacudimento da graça e elles mesmos serão christãos. (1)

A evangelisação dos selvagens está aqui apenas em começo. Entretanto, pela festa do Espirito Santo baptisámos 12 adultos e um creto numero de creanças e velhos morreram em suas casas regenerados. E' já algum ganho sobre o diabo, passado apenas um anno de habitação aqui, durante os absorventes trabalhos de installação, em meio de um povo os bandoleiros, todos os aventureiros do planalto teem vindo

(1) Não se percebe bem a attitude do governo ante tamanha calamidade, que ia aniquilando populações que dizemos portuguezas! Porque se não havia de constituir uma commissão de soccorros, já que o Estado não tem vintem?

Entretanto, Angola já chegou, ao que parece, ao equilibrio do deficit e poderia, e deveria soccorrer os infelizes indigenas, mesmo chamando-os para regiões indemnes da calamidade e empregando-os em trabalhos uteis.

A fome, os Hottentotes e os Quanhannas, são já humilhantes calamitados. E providencias verdadeiramente governativas? Não se vê nada...

desde 100 leguas em torno fixar alli a sua habitação. Dois ou tres reis, mais ou menos coroados, se repartem o poder, o direito de roubar os vizinhos e de matar irremissivelmente todo reputado com razão um dos mais selvagens e mais intractaveis d'esta parte da Africa. As principaes localidades que temos a evangelisar são o Uiri e o Bate-bota.

O Uiri é da extensão de um pequeno departamento francez; é um paiz bastante povoado de gente e principalmente de animaes. Um reisito faz alli de prefeito; bom homem de resto, cercado de 5 ou 6 ministros sem ordenado e de guardas muito campestres. Vem muitas vezes á Missão e gosta de se dar por nosso amigo. E' preciso, bem entendido, pagar-lhe a sua amisade, enchendo-lhe, em todas as visitas, o estomago, desmesuradamente vasto, mesmo para selvagem. Mas tambem assim estamos livres das alfandegas; quer dizer, podemos andar por toda a parte, com toda a liberdade de acção para o nosso ministerio. Elle mesmo quer ser baptisado com sua mulher e filhos; communicou-me, ha dias, esta ideia, muito confidencialmente. «Olha, disse-me elle, vem á minha habitação; quero que me digas a palavra de Deus; não quero ficar um bruto; mas não esqueças a garrafa de aguardente; é tão bom isso!» accrescentou como conclusão, dando um estalinho com a lingua.

A Bate-bota está a sul da Missão. E' um paiz onde a vida e a animação é intentissima; todos o intruso assaz ousado para penetrar em sua fortaleza. O paiz presta-se admiravelmente á resistencia. E' uma floresta sem fim, de acacias e de arbustos espinhosos, formando brenhas impenetraveis mesmo para as feras. Não se vê nada alem de cinco metros. Os carreiros, unicas vias conhecidas n'este reino extranho, serpenteiam por baixo do arvoredos em mil voltas caprichosas, labyrintho, onde só os naturaes acham a saida. Agachados lá dentro, como as feras, invisiveis á vista mais apurada, de fuzil, zagaia ou arco na mão, ás vezes com todas as tres, os pretos defendem-se facilmente de qualquer invasão e arrotam qualquer ameaça de castigo de suas rapinas. O golpe vem por baixo da ramada e fere-vos antes de vos aperceberdes do inimigo. Brancos e pretos temem pendencias com estes insubmissos. Por duas vezes se tentou dar-lhes caça. Ha, creio, dez annos, uma expedição, só de Bocos, caçadores finos e expertos nas guerras de florestas, penetrou de noite no paiz. Ao nascer começou o fogo contra as primeiras aldeias, contando com facil victoria. Succedeu-lhe mal; o grito de guerra, especie de latido prolongado

«hu-lu-lu, huhu-lulu» ouviu-se n'um instante, como rastilho de pólvora, em todo o paiz. Os guerreiros correram ás armas e, ao abrigo de suas brenhas, cercaram os invasores como em um circulo de ferro e de fogo, que estes difficilmente romperam para fugirem com toda a ligeireza de seus pés.

Os Hottentotes, salteadores como os primeiros, por natureza e por gosto, assolam annualmente as nossas regiões, roubando milhares de bois, incendiando aldeias e cearas, assassinando homens, mulheres, creanças e velhos: são em verdade os selvagens mais intractaveis e mais crueis que eu tenho conhecido. Pois, mau grado o seu renome e o terror que infundem, nunca poderam penetrar na Bate-bota. Creio que appareceram lá uma vez; mas para sairem mais depressa do que entraram. Cercados, accommettidos de todos os lados, sem descanso, dizimados por um inimigo invisivel, safaram-se a toda a pressa e não reapareceram.

Quanto a nós, tomos n'este povo entrada livre, e aproveitamo-la. Acabo de fazer por lá uma excursão longa e fatigante, em companhia do Padre Bonnefoux. Qual paiz e quaes caminhos! Metade dos nossos habitos, sem fallar do que nos cobre os ossos, ficou pelos espinhos dos arbustos.

Mas por fim fizemos conhecimento com aquella gente e convencemo-nos de que, por fim de contas, essa gente tão temida, será talvez menos refractaria ás luzes da fé, do que outra já com tinteira de civilisação e vestindo calças.

A ponto de acabar, fui resgatar um rapazito, e são assim 66. Custou me quasi 60 francos (10\$800 réis, sem o cambio.)

Acabo, pois, envergonhando-me de ter abusado tanto da vossa paciencia, mas alegre e satisfeito como um filho que acaba de abrir o seu coração ao de seu pae...

L. M. Muraton.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### O diabo e as suas obras

(Continuação do n.º antecedente)

II

PARA melhor comprehensão da doutrina que passamos a expor, supponmos mais conveniente declarar antes, qual a natureza dos anjos e sua comunicação com este mundo visivel, explicando, mui de corrida, o que ensinam os philosophos ácerca de sua esphera de acção e sua pontencialida-

de, mórmente em suas relações com o espaço e os seres corporeos.

Consoante já dissemos, apoiado na definição dogmatica do concilio de Latrão, Deus creou no principio dos tempos os seres espirituaes e os seres corporeos, isto é, os anjos, o mundo e o homem, composto de espirito e corpo (1); o que manifesta claramente ser doutrina catholica que, além do homem e d'este mundo corporeo e visivel, existem creaturas que são puros espiritos. E taes são os anjos.

Testifica-nos a historia da philosophia terem havido em todos os tempos bom numero de materialistas que, sem aptidões para se elevarem acima da esphera dos sentidos, affirmaram, á similhaça dos Seducéos, que não existem seres espirituaes, pela peregrina razão de que não póde formar-se imagem ou idéa de um ser simples ou puro espirito, como se não fora pessimo processo de philosophar o considerar as coisas, não á luz da razão como ao homem compete, mas por impressões da phantasia, que só percebe o material, como succede com os brutos animaes.

Poucos são já, por fortuna, os philosophos serios e illustrados que se deixam arrastar por esta corrente de materialismo, que traz sua origem do atheismo mais grosseiro. E, sem temor de equivoco, bem podemos dizer que não já caído em descredito as theorias de nulla estimação, propagadas em França, no seculo passado, por De Lamtrie ácerca do *homem machina* e o *homem-planta*, por Cabanis em suas *Memorias sobre a parte physica e moral do homem*, e por Broussais, ao pretender explicar todos os phenomenos que se realisam no homem, e até nas concepções intellectuaes mais abstractas, com o seu absurdo *systema nervoso*, por mais que actualmente se esforcem pelo resuscitar, e revestir de apparencia scientifica. O inglez Darwin em seu tractado sobre a *Origem das especies* e o allemão Bruchner no livro *Força e materia*, ladeados d'outros materialistas contemporaneos de equal estofo.

Caminhando após os mais preclaros philosophos, echo fidelissimo dos ensinamentos da razão illustrada pela fé, feita abstracção do principio simples que segundo os escolasticos constitue a vida dos seres vegetaes e puramente animaes, diremos, que, além das substancias corporeas, existem outras espirituaes, completas em sua razão de substancia, das quaes umas se dizem completas em sua especie e outras incompletas, intendendo-se por *substancias espirituaes completas* em sua es-

pecie as que por si mesmas, e sem estarem unidas a outras, constituem uma natureza especifica perfeita e podem exercer totalmente, por si mesmas, todas as operações proprias de sua especie, como os *anjos bons* e os *anjos malos*, e por *substancias completas em sua razão de substancia mas incompletas em sua especie* aquellas que de per si só não podem exercer totalmente as operações de sua especie, sendo, por sua propria natureza, ordenadas a adherir a outra substancia e compor com ella um todo ou uma natureza especifica.

Assim é a alma humana, que está destinada a informar um corpo, do qual necessita para constituir o *homem* e exercer as operações que lhe são proprias. Porque mui notorio é a todos, que sendo a alma humana a forma substancial de nosso corpo, unico modo de explicar satisfactoriamente a unidade de acção em nós outros, existe uma influencia mútua entre a alma e o corpo, tam íntima, que, segundo nos ensina o Doutor Angelico, fundado no mesmo testemunho do senso íntimo e nos principios em que se firma toda a economia de nossas operações, as potencias sensitivas ou forças viciaes inferiores influem positivamente nas acções que são proprias das potencias superiores ou intellectivas, e vice-versa (1). Existem pois, além da alma humana, destinada com o corpo a formar um ser completo em sua especie, outros espiritos puros, isto é, os anjos, que são, por sua razão de natureza, mais perfeitos que a alma humana, por isso mesmo que são completos em si mesmos e independentes de toda a substancia corporea, tanto em seu ser especifico como em seu modo de operar.

Esta espiritualidade absoluta dos anjos, ensinada, como dissemos, claramente pela Igreja (2), vê-se ainda confirmada pelo estylo e modo de fallar das Sagradas Escripuras, que dão aos anjos o nome de espiritos ou seres incorporeos. Assim, nos Actos dos Apostolos se lê «que o espirito arrebatou a Philippa (3), referindo-se ao anjo do Senhor; S. Paulo lhes chama *espiritos que fazem o officio de ministros enviados por Deus para exercerem seu ministerio em favor d'aquelles que não de receber a herança da salvação* (4); S. João no Apccalyse, falando dos anjos, diz que viu sete espiritos que estão deante do throno de Deus (5), e

(1) S. Thom. QQ. disp. Q. XXXVI de pas. art. X.

(2) Cono. Lat. sub Innocent. III, cap. Firmiter.

(3) Act. VIII, 3.

(4) Heb. I, 14.

(5) Apoc. I, 4.

(1) Cono. Lat. cap. Firmiter.



### À SOMBRA DO ARVOREDO

outros sete que foram enviados a terra (1). E dos demonios se diz no sancto Evangelho, «que Jesus com sua palavra expulsava os espiritos (2) e os espiritos immundos se rendiam aos discipulos (3)». Demais, é ponto averiguado que a palavra *espirito*, não se deduzindo o contrario do mesmo texto, se toma na Sagrada Escripura, em seu rigoroso sentido, por opposição á subs-

tancia corporea, como quando nos diz S. João *que Deus é espirito, o qual se deve de adorar em espirito e verdade* (1), e quando o Apóstolo S. Thiago afirma *que o corpo sem o espirito é um corpo morto* (2).

Ser-nos-ia facil corroborar o que levamos dicto com eloquentissimos testemunhos tomados das obras dos Sanctos Padres; basta-nos porém citar o de S. João Damasceno que define o

anjo: um *ser incorporeo intelligente e dotado de liberdade* (1); e Sancto Ambrosio, de quem são aquellas tam conhecidas palavras, *Queres saber qual é seu nome? chama-se espirito; pretendes conhecer seu officio? chama-se anjo. Em quanto é, é espirito; em quanto opera, é anjo, enviado ou ministro* (2).

Fundado n'esta doutrina sobre a natureza angelica, concorde se acha Sancto Thomaz com os demais doutores,

(1) Ibid. V, 6.  
(2) Math. VIII, 16.  
(3) Luc. X, 20.

(1) Joan. IV.  
(2) Jacob. II.

(1) Damasc. II De fide, cap. 3.  
(2) Ambr. in cap. I Hebræ.



DISTRIBUINDO A RAÇÃO

afirmando «que são os anjos as creaturas mais nobres e excellentes e a imagem mais perfeita de Deus, considerados em seu proprio ser, prescindindo da elevação pela graça à ordem sobrenatural, pois, sob este conceito, bem sabeis nos ensina a Egreja que a Bemaventurada Virgem Maria Mãe de Deus está collocada, na ordem da graça e da gloria, sobre todos os coros dos anjos. E' que o ser espirital é mais nobre que o corporeo, e entre os espiritos é mais excellente por natureza aquelle que não depende da materia, nem em seu ser nem em seu modo de

operar (1).» D'onde se deduz, consoante aquelle principio *que os seres operam segundo seu modo de ser, operari sequitur esse*, que as operações angelicas são mais nobres e excellentes que as humanas, e a actividade dos espiritos puros, como os anjos bons e anjos máos, é, por sua propria natureza, de maior efficacia que a actividade do homem, inferior áquella.

(1) S. Thom. I q. 93, art. 3; q. 95, art. 1 ad 1; I-II, q. 5, art. 1, lib. II, Sent. dist. 3, p. 1; lib. III Sent. dist. 9, art. 8 ad 2. etc.

Pela doutrina exposta se consegue rastrear a possibilidade da comunicação dos anjos com este mundo visivel, pois se a alma humana, que na escala dos seres espirituaes occupa o infimo logar (1), tem potencia intellectiva para perceber e conhecer os phenomenos da natureza sensivel e está dotada de uma força activa que lhe permite operar, sobre o corpo, e, mediante o corpo, sobre os seres que compõem o mundo material, por maioria de razão deve reconhecer-se nos anjos, que são

(1) S. Thom.



mais nobres e perfeitos que a alma humana e occupam o lugar medio entre Deus e o homem, uma potencia intellectiva mais elevada, para conhecerem tudo o que o homem póde conhecer, assim como uma esphera de acção muito mais dilatada, e uma força activa mais poderosa para operar sobre a natureza corporea.

Dir-se-á talvez que sendo a alma humana a forma substancial do corpo, constitue com este um só ser, isto é, a pessoa humana, e que, mediante a imagem ou especie sensível que com sua impressão causam nos sentidos os objectos externos, póde perceber os objectos externos, póde perceber os objectos externos (1), e que de igual modo conhece a alma o mundo visível, mediante as representações ou especies intelligiveis que forma, como extrahindo-as por sua força intellectiva dos fantasmas ou especies sensíveis que lhe representa a imaginação (2); porém que o anjo, ser puramente espiritual, nem póde perceber nem conhecer o mundo corporeo por carecer de sentidos externos e internos, unico meio possível para transmittir as imagens das cousas materiaes.

Concedemos de bom grado a differença que vai do anjo, puro espirito, à alma humana, destinada naturalmente a informar o corpo, constituindo com elle um todo composto, e, conseguentemente, concedemos por igual que não se póde explicar a comunicação do anjo com o mundo visível do mesmo modo que explicamos a comunicação da alma com os objectos externos, por mais que seja difficilima a explicação philosophica das percepções da alma, em virtude dos sentidos, e de suas operações intellectuaes com relação aos objectos materiaes. Nada porém se deduz das observações precedentes em opposição à faculdade que os anjos tem, por sua propria natureza, para exercer sua actividade sobre os corpos.

Ninguem, medianamente versado no estudo da philosophia, desconhece que as escholas philosophicas, antigas e modernas, hão ensaiado uma alluvião de systemas e hypotheses para explicar as operações dos sentidos, e sobre tudo as operações intellectuaes da alma humana, exercitando se os mais agudos talentos na aquisição do meio mais apto a explicar a origem das idéas. Mas sendo alheio a nosso proposito insistir sobre este ponto, que sempre será um mysterio para a philosophia, limitamo-nos a aceitar com muito gosto a theoria escolastica,

acima indicada, por ser a expressão da doutrina do Doutor Angelico. Sem embargo, (repetiremos uma vez mais), de que d'ahi nada se deduz contra a potencia dos espiritos puros com relação a este mundo corporeo, porque por mais que a alma humana esteja unida ao corpo e por virtude dos sentidos communique com o mundo externo, isto não destróe que seja a alma, em si mesma, um ser espiritual completo em sua razão de substancia, e que, não obstante ser espiritual, actue e influua de uma maneira directa e immediata sobre seu proprio corpo, que por ser seu não deixa de ser corpo. Logo, se apesar de ser um mysterio para a philosophia o modo ou razão intrinseca da influencia e acção mútua da alma sobre o corpo e d'este sobre a alma, seria uma insensatez negar a realidade d'este influxo, que nos atesta a consciencia ou senso intimo de cada um e a experiencia constante e universal do genero humano. Em boa logica, deve-se pois concluir que seria improprio de um discreto e abalizado philosopho negar a possibilidade da comunicação ou acção dos anjos com referencia a nós mesmos.

Elucidar a comunicação dos anjos conosco, o que em verdade é um dogma de fé, segundo abaixo se dirá, intendemos ser coisa difficultosa. Queremos todavia facilitar algumas noções sobre esta materia tam importante, que hão de aplanar o caminho para a verdadeira comprehensão do objecto de que nos occupamos. Reduzil-as-emos a tres: 1.<sup>a</sup>—o conhecimento que tem os anjos das cousas do mundo; 2.<sup>a</sup>—sua existencia no lugar ou sua presença real em nós mesmos; e 3.<sup>a</sup>—sua acção, como verdadeiras causas, sobre os seres corporeos. E é muito para notar, como a seu tempo se dirá, que os anjos a quem é dado actuar sobre nossos corpos e sentidos externos e internos, nada podem com respeito às operações do entendimento e da vontade sem nosso proprio consentimento; de modo que lhes não é possível, por si sós, nem por natural virtude, penetrar no sanctuario de nossa consciencia sem lhes franquearmos a entrada.

Queremos deixar assente como verdade incontestavel o discernimento que os anjos tem dos successos d'este mundo; pois assim o ensina a fé e assim ficará tambem demonstrado com as provas e argumentos que se irão adduzindo. Porque n'isto sem duvida vem a parar os ministerios angelicos para conosco, a intervenção diabolica em muitos dos humanos successos, a vigilancia e defesa que nos consagram os anjos bons, assim como a guerra implacavel que nos suscitam os máos, e a firme e universal crença que n'esta

verdade tem arreigada o povo christão.

E se por ventura deseja algum aprofundar mais esta materia e conhecer cabalmente o modo como aquellos bem-aventurados espiritos sabem das cousas d'este mundo, tome por guia em sua empreza o Angelico Doutor, sem perder de vista aquelle principio universalmente admittido pelos escolasticos: *Em todo o acto intellectivo, o objecto conhecido está presente de algum modo na potencia intelligente, e este modo é segundo a natureza da mesma potencia* (1)

D'este principio philosophico nasce, como de fonte abundante, outro que o não é menos, e é, *que as cousas podem estar no ser intelligente por modo mais elevado e mais perfeito do que são em si mesmas*, d'onde se conclue não ser obstaculo a materialidade dos seres para que possam ser objecto do conhecimento dos anjos. Como derivação d'este principio ensina o Sancto que do mesmo modo que a alma, por sua natural relação com o corpo, adquire seus conhecimentos mediante as especies intelligiveis e immateriaes que forma por sua força intellectiva, como extrahindo-as das representações que lhe offerece a imaginação; assim os anjos, como substancias totalmente incorporeas, que subsistem em seu ser puramente espiritual, conhecem as cousas pelas especies intelligiveis que lhes são connaturaes, como que as receberam de Deus, consoante o pedia a mesma substancia intellectual d'elles (2).

Ainda que a existencia dos anjos no lugar e a possibilidade de sua presença real em nós não offerece reparo serio, pois que a presença real e substancial de um ser n'um ponto do espaço pode effectuar-se sendo esse ser ou corpo ou espirito, queremos todavia esclarecer um pouco esta materia, fixando o conceito proprio d'este accidente ou relação dos espiritos angelicos. Que os anjos estão n'um lugar; que passam d'um para outro ponto do espaço, e o manifestarem-se ás vezes realmente em nós, é coisa tam certa e conforme à divina revelação, que, no dizer de Sancto Thomaz, não póde negar-se sem negar a fé (3). E em ver-

(1) *Cognitio contingit, secundum quod cognitum est in cognoscente: cognitum est in cognoscente secundum modum cognoscentis.* (S. Thom. I, q. 12, art. 4).

(2) *Angeli sunt substantiae a corporibus totaliter absolutae, immaterialiter et in esse intelligibili subsistentes: et ideo suam perfectionem intelligibilem consequuntur per intelligibilem affluxum quo a Deo species rerum cognitarum acceperunt simul cum intellectuali natura.* (S. Thom. I, q. 55, art. 2).

(3) *Secundum fidem nostram ponimus, angelos immediate circa nos operari.* (S. Thom. lib. I, dist. 37, q. 8 art. 1).

(1) S. Thom. I q. 78, art. 3.

(2) S. Thom. I q. 81, art. 7; q. 85, art. 1 ad 3 et 4. Q. disp. de veritate q. 10, art. 6 ad 7.



dade canta cada dia a Igreja aquella tam sabida oração: *Visitai, Senhor, esta morada e fazei que vossos sanctos anjos habitem n'ella e nos guardem* (1). Dos anjos diz o Evangelista S. Matheus, *que se acercaram de Jesus e o serviam* (2). Por vezes nos affirmam a Sagrada Escripura que da terra sobem ao céu, como quando S. Lucas nos refere a apparição e desapparição dos anjos aos pastores para annunciar-lhes o nascimento de Jesus (3), e em outras passagens que do céu baixaram à terra, como quando refere S. Matheus «que foi Maria Magdalena com a outra Maria a visitar o sepulchro de Jesus Christo, e *baixou um anjo do céu* dizendo-lhes que havia resuscitado (4).» Do diabo affirmam S. Pedro «que incessantemente *voltou ao redor de nós* (5),» e dos anjos máos, «que no momento em que peccaram os *precipitou Deus no abysmo, onde são atormentados* (6).» No espaço estão os corpos e no espaço podem existir os espiritos, mas por diverso modo, segundo a diversidade de sua natureza, por cuja razão, perguntado Sancto Thomaz se os anjos estão em logar, responde affirmativamente, porém não como estão os corpos. pois estes estão no espaço, applicados a elle *pelo contacto da quantidade dimensioniva* (7), ao passo que o anjo está em logar corporeo tam só por sua *quantidade virtual*, isto é, *pela applicação de sua virtude* a algum logar (8).

(Continúa)

Dr. D. Salvador Casañas y Pagés.

## SECÇÃO CRITICA

## Equilibrio

**R**ESULTADO de uma lei physica o *equilibrio* ou *justum pondus* dos elementos de um corpo e assim seu estado regular, sua harmonia, sua ordem; o *equilibrio physico* é-nos uma figura do *equilibrio moral*, e este dá-se sempre que as *leis moraes* são completamente respeitadas e obedecidas, seja por parte do homem, seja por parte da collectividade.

O *equilibrio physico* não dispensa para que se dê, o bastante para fazer

(1) *Oratio ad Complet.*

(2) Math. IV, 11.

(3) Luc. II, 15.

(4) Math. XXVIII, 2.

(5) I Petr. V, 8.

(6) II Petr. II, 4.

(7) *Corpus est in loco per hoc quod applicatur loco secundum contactum dimensionis quamutitatis.* (S. Thom. I. q. 52, art. 1.)(8) *Eat in angelis quantitas virtualis. Per applicationem igitur virtutis angelicæ disitit Angelus est in loco corporeo.* (S. Th. *Ibid.*)

um pequeno contrapeso, é-lhe mister a exactidão mathematica; o *equilibrio moral* só pôde nascer *ex integra causa*, é a exactidão theologico-moral.

E onde está na sociedade hodierna o *equilibrio moral*?

Caret.

Não se pôde dar este *equilibrio*, quando as leis moraes são tidas na sociedade como uma excrescencia ou inutilidade, ou se julga só immoralidade o roubo, o assassinato, e este até não julgado crime commum *quando politico*, quando a impunidade corre e se procura acobertal-a debaixo da classificação de *doçura dos costumes*; quando do egoismo se faz lei, e contra lei se procura satisfazel-o; quando os gozos temporaes e passageiros absorvem os cuidados e o tempo; quando as honras são como premio das deshonras; quando o *principio de auctoridade* é atacado e ridicularisado em todas as suas manifestações; quando a *familia* se está desconjunctando até ao parricidio, ao matricidio, ao filicidio, ao fraticidio; quando se rouba até *de luvas brancas*; quando se tornou *proverbial* o desleixo das proprias obrigações; quando a *escola* degolla *moralmente* innocentes ou torna égreros os adultos; quando tudo é atropellado para satisfazer o injusto compadrio; quando é frequente o *juramento em vão* contra o segundo preceito do Decálogo; quando as consciências são vendidas e compradas quasi em almoeda; quando tudo é promettido para conseguir, e logo se fôge ao cumprimento, *v. gr.* nas *eleições publicas* de qualquer especie; quando deixou de ser *escriptura* a palavra, em hora nunca antes fosse tão repetido «a minha palavra de honra»; quando basta o dinheiro para *supprir* justiça, honestidade, sciencia, educação, amor, tudo; quando da imitação, do que é máo, se faz galla; quando está trocado intencionalmente o sentido das palavras, chamando justo o injusto, verdade o erro, meu o alheio, bello o asqueroso aos olhos da moral; quando a sociedade está athéa (e n'isto tudo se cifra) não pôde haver n'ella o *equilibrio moral*. E descrente por *corrupção cardiaca* está a sociedade de hoje, obra esta do *modernismo*.

Não se observa attentamente um passo da *envernizada sociedade modernissima* sem que deixe de ser percebido quanto ella está *desequilibrada* e na rampa do abysmo!

Os desconcertados, os loucos e os foliões, não querem ouvir a razão, e de esses *magnus est numerus*.

Deus tambem castiga o *homem* deixando-o correr com os seus desvarios; e que triste fim o do desvairado!

O *Equilibrio Moral* é a paz no *homem* e na *sociedade*, e elle só pôde dar-se

pela observancia das leis santas. A doutrina assim o ensina e a practica assim o prova. Para que a sociedade ganhe o equilibrio, que perdeu, é mister que a gente de bem, que forma ainda um grande numero embora não pareça assim, se reuna n'uma santa liga, com o unico fim de pugnar pelos interesses da religião, dos quaes derivam os da familia, da sociedade, da patria.

Rehavendo a sociedade o *equilibrio moral*, terá de novo o *equilibrio individualmente* ponderado, em casa, e no publico, debaixo de todos os pontos de vista. A sociedade foi embriagada com todos os venenos pelo *modernismo* e acha-se por isto padecente do *delirium tremens*, que a matará se não busca o *remedio unico salvador*—a Verdadeira Religião!

Os empiricos sociaes não passam de uns *similes* d'aquelles sarrafações, que matam todos aquelles que os chamam.

A união no bem segundo Deus vencerá a união no mal. Amaldiçoado é pela Divina Justiça todo aquelle que semeia ou procura semear a sizania na seára da Verdade!

Alguns não querem assim fazel-o, porém fazem-no por isso que vão mais pelo proprio parecer que pela voz clara e evidente do Vigario de Christo (e até mesmo trahindo boas intenções suas), tornando-se indocéis deante de Deus. Grande batalha temos a sustentar contra nós mesmos para que sigamos pelo caminho da Justiça! Sem Deus venceria em nós o *homem do peccado*. O *equilibrio* resulta, repetimos, da ponderação perfeita; é uma lei que o Creador decretou; o homem não pôde alteral-a embora o queira; e assim na ordem natural como na ordem positiva, ao que já nos reportamos em liha *supra* ou n'este escripto. Na ordem positiva o *equilibrio* não é alterado quando ao justo se acrescenta o virtuoso, o heroico, por isso que a distancia moral entre Deus e o homem é infinita, e o homem só pôde chegar ao *equilibrio proprio relativamente justo*.

Certo é que o homem pôde tudo com Deus; porém ficando sempre homem na dependencia de Deus, conformando-se este philosophar com o sentir de S. Paulo: «*Omnia possum in eo, qui me confortat!* Posso tudo em Deus, que me conforta com a sua graça e seus favores.» Não pôde haver *equilibrio* sem firmeza, e não se dá esta onde tudo está vacillante, e é assim que a *sociedade* hoje se apresenta no *seu moral* e até no *seu physico*; a moral verdadeiramente christã é a seiva de vida, é a substancia, para tudo que respeita e interessa devéras o genero humano.

O homem, abusando da sua liberdade, pôde ir (desgraçado!) contra o dis-

posto por Deus, mas não pôde destruir as disposições de Deus. Os homens modernissimos são ainda meos que *arlequins*, pois que estes em seus jogos arriscados chegam a *equilibrar-se*; aquelles vivem no *desequilibrio* precursor da quêda inevitavel no abysmo!

O homem é para *antes quebrar que torcer* (e as senhoras mulheres tambem); os *jogos malabares* são para divertir: os *modernissimos malabares* não convertem, nem divertem, são apenas *opifices derrocadores*, *desequilibrando quanto podem* e todos que os aceitam em seu nefasto *desequilibrio!*

Dom Antonio de Almeida.

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

«*Infante D. Henrique*—Carta Pastoral do Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> D. Manuel Agostinho Barreto, Bispo do Funchal, por occasião do 5.<sup>o</sup> centenario.»

«As festas laicas é mais uma exhibição do espirito anti-catholico, empenhado por toda a parte em superar a Egreja nas grandes manifestações da sua fé e do seu culto. Veiu nos o mal da França onde se inauguraram as festas patrioticas e civis. A Convenção instituiu as festas de 14 de julho, de 10 de agosto, 21 de janeiro, e 31 de maio, as do Ser Supremo, a da nação, do povo francez, dos martyres da liberdade, da Republica, da liberdade do mundo, etc., etc.

Em Portugal, ao mesmo tempo que se prohibiam ou descurvavam as magestossimas procissões de *Corpus Christi*, ou no meio de risota se assistia na Estrella aos actos venerandos da Religião catholica, assumiam um esplendor em tempo algum visto, as festas de Camões, do Marquez de Pombal e agora a do grande infante D. Henrique.

O benemerito navegador é porém não só uma das glorias da patria, mas ainda, o que mais vale, uma das glorias da Egreja. Do mesmo modo pois que o sapientissimo Pontifice, não ha muito, por uma notavel Encyclica, incorporava entre os herões do christianismo o grande Christovam Colombo, o zeloso Prelado madeirense apresenta o infante portuguez aos povos da sua diocese como uma esplendida gloria da Egreja.

Os nada christãos e os patriotas duvidosos regosijem-se livremente nas saudações ao proficuo mathematico, mas saibam que elle nas virtudes christãs é que descobriu o modo de honrar a patria em bem-merecer da Religião.

Agradecemos penhorado a notavel Pastoral de S. Ex.<sup>a</sup>.

«O infante D. Henrique — Traços biographicos do inclito «Navegador»,

por Tristão Moreno, precedidos do retrato do infante e seguidos do programma das festas que se hão de effectuar no Porto, para commemorar o seu 5.<sup>o</sup> anniversario. A' venda na typographia Social—L. dos Loyos, 59; na loja de chá de José Bernardo C. das Neves—rua das Flores, 224, e em todas as livrarias, papelarias, tabacarias e kiosques. Depósito na Imprensa Commercial, rua dos Lavadouros, 16—PONTO. Preço 50 reis.

Opusculosinho muito bem escripto merecedor de entrada em todas as casas, elaborado á luz da verdade e da consciencia. Da melhor vontade o recommendamos a nossos dignos assignantes.

«A Tentação Universal» pelo R. Padre Conceição Vieira—1893—á venda na Livraria Catholica, calçada do Carmo, 6, e na casa catholica, rua Augusta, 178—LISBOA—Preço—100 reis.

Um opusculo em oitavo com sessenta e duas paginas, cuja leitura curiosissima nos entretive por uns deliciosos tres quartos de hora. Não ignoramos serem os assumptos tratados pelo R.<sup>o</sup> Padre Conceição Vieira, doutrina assás dura para os nada acostumados a pensarem no dia de amanhã. Os que porém compulsam a historia procurando os signaes persagiadores do futuro, os que meditam o abysmo em que se afuuda a actual sociedade n'um festim de ebrios, acha lições proficuas n'aquellas desprezenciosas paginas que lhes serão salvaguarda a perigos sem numero que surgem de todos os lados. Com razão nota o digno auctor o fanatismo semelhante ao dos escravos do Velho da Montanha, com que os anarchistas, menospresando todos os interesses domesticos e pessoases, sacrificam a vida em defesa do seu terrivel ideal.

Pallas e Vaillant, morrendo a gritar: *Viva a anarchia!* são verdadeiros possessos, immolados ao seu chefe—o diabo—e parodia viva aos gloriosos martyres do christianismo.

O R.<sup>o</sup> Padre Conceição Vieira é auctor d'outras obras congeneres como o *Spiritismo*, *Apocalypse e a Magia*, e o *Hypnotismo*.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### A' sombra do arvoredó

(Vid. pag. 54)

Em torno d'aquelle umbroso tronco, n'esse feliz tempo em que a parochia era uma collectividade alegre, unida, sanctamente amiga, em cujo parochio havia realmente o conselheiro prudente e o arbitro rectissimo, reuniam-se

no terreiro da alleia as familias visinhas, em convívio ditoso, pondo em commum os seus pesares e os seus jubilos.

Entretinham-se as creanças nos puros risos da infancia, os jovens nos brincos onde brilhavam o pudor e a innocencia, os d'uma idade já mais adeante a historiar as suas tradições honrosas, a contar das colheitas passadas e das sementeiras a desinvolverse, a discutir mansamente, christãmente, as divergencias nas balisas e nas aguas, em tanto que as velhinhas, de cabello branco, reservavam para assumpto predilecto de suas palestras, não só as palavras sentenciosas do tio abbade, mas ainda a lenda inolvidada d'um lobishomem, da feticçira do cruzeiro e da alma penada do castello das lleras, por que, emfim, sendo o diabo o pae da mentira, logra muita vez occultar-se onde elle está e fazer-se crer onde não existe.

Mas era feliz esse tempo; se era! A aldeia amava o trabalho; via n'elle uma missão honrosa preceitpada pela Providencia; ignorava o que fossem luxos; na mesa frugal e vestir decente punha o termo a seus desejos, e ahí se chegava sem fadigas de maior que arruinassem a saude e com isenção de vicios que a lesam mais ainda.

Que feliz era então a aldeia, nas gratas reuniões do domingo, n'uma pureza inexcedivel de ares e n'uma limpeza exemplarissima de costumes!

Existe de pé ainda hoje aquelle venerando tronco. Mas em volta d'elle já se não vê ruidoso o grupo dos camponeses. Dividiu os a politica, fêl os reciprocamente desconfiados o vicio, subjuga-os duramente a ambição e a desordem, trabalham por necessidade e não por virtude, ao passo que as velhas, essas, bisbilhotam com os escandalos proprios e alheios, entreteendo-se menos com historias de diabos por que alli reinam elles agora mais que então.

O' nossos queridos, nossos venturosos avós! Não conhecestes as maravilhas do vapor, os milagres da electricidade, a surpresa da photographia, a força enorme da dynamite e fulgurite; ignorastes o que eram os navios a herice, as coirças de ferro, os stethoscops, os metereographos, os microphonos e os motores a gaz; não vistes as machinas de costura nem sonhastes a applicação agricola dos phosphatos, dos coprolithos, dos chloretos e outras maravilhas contemporaneas.

Porém usufruistes mais união, maior paz, maior virtude, mais invejavel fidelidade.

Se ao afan das conquistas modernas houveramos unido igual desvelo no cumprimento da lei divina, que ditosos

seriam hoje á sombra do arvoredos os passatempos da aldéa!

### Distribuindo a razão

(Vid. p. 55)

E' um quadro de familia que vemos repetido todos os dias. Mas a repetição frequente jámais faz que o bello deixe de ser bello. Ha de por tanto ser, de continuo, um foco de poesia a mãe rodeada dos filhos, desde Eva, a sublime inspiradora de Milton, até á ultima familia que povoe o universo, até ao céu onde nos reconheceremos, até á familia archetypo, Jesus Maria e Jo-é, cuja contemplação fará eternamente a bem-aventurança dos eleitos.

Disse-nos José de Maistre que no seculo bello não se encontram guerreros como Alexandre, Annibal, Cesar, Napoleão; não se encontram genios, como Homero, Virgilio, Camões ou Tasso; não vemos artistas, como Rubens, Miguel Angelo, Raphael ou Vinci, mas é no regaço das mulheres que se formam todos os heroes que fazem a honra da humanidade.

E, em regra, um heroe immortal teve uma mãe admiravel. As figuras gigantescas de Agostinho, Francisco de Salles, Luiz rei de França, Luiz de Gonzaga, infante Sancto, infante D. Henrique, Pedro V, começam a desenhar-se n'um seio privilegiadissimo de mulher.

Eis por que os meigos episodios de familia me enlevam sempre: as menores acções, tanta vez despercebidas aos olhos vulgares, são, quem sabe? os primeiros traços onde mais tarde virá a salientar-se o perfil magestoso d'uma summidade mundial.

Nos fins do seculo ultimo vivia em Bolonha uma familia pobre. Uma noite pernoitou alli um velho, venerando pelos annos e virtudes, que pôde admirar o fino zêlo educador d'uma mãe christã. Ao retirar-se abençoou o filho e disse: «Sêde, sêde cuidadosa em aperfeiçoar esta alma, que Deus coroará propicio os vossos disvelos.»

E corocu.

Aquella creança, a principio official de marceneiro, foi mais tarde o cardinal Mezzofanti, fallecido em 1849, o mais distincto polyglotta que ha visto mundo, a honra e amparo de sua familia, uma das maiores glorias da Egreja.

Mães, educai bem os vossos filhos. certas de que Deus é o retribuitor de vossas attentas sollicitudes.

R.

## SECÇÃO LITTERARIA

### SONETO

Causa das causas, grande Deus bemdicto,  
Creador sublime e sabio regente  
Dos mundos que a tua mão omnipotente  
A milhões dispesou pelo infinito!

Onde é que se não vê teu nome escripto  
Desde o astro mais ligeiro e mais ingente,  
Desde o homem, desde o espaço e mar fremente  
Ao mais humilde ser que haja finito?

Por que, Senhor, o impio em ti não crê?  
Na tua omniencia e em teu poder  
Retratados em tudo o que se vê?...

Eu sei, sem que te possa compr'ender,  
Que de tudo o que existe és o Porquê,  
Causa das causas, abeterno ser!

Freches

Padre Joaquim da Fonseca.

## SECÇÃO NECROLOGICA



**M**AIS outro nosso bom assignante, chamado d'entre os labores da vida parochial a dar contas de sua tarefa no tribunal do rectissimo Juiz. Foi o R. Padre Sebastião Coutinho de Sanct'Anna, de Sancto André de Ardões.

Por sua alma supplicamos os suffragios dos leitores e enviamos nossos pesames á familia enluctada.

—No Porto, rua de Cedofeita, falleceu o sr. Dr. José Maria da Silveira Torres, com 73 annos de idade. A sua vida annunciou claramente quanto vale uma educação solidamente christã, ministrada por uma mãe que normalisa seu proceder pelo modelo dos grandes Sanctos. Atravessando por entre as camadas dos materialistas e indifferentes que tanto influem na sociedade contemporanea, Silveira Torres mostrou a tempera rija de sua alma, sendo, n'um seculo de baixezas, o typo admiravel do homem de antes *quebrar que torcer*. Considera-lo como cidadão e como christão.

Advogado distinctissimo, foi sempre d'uma integridade raras vezes egualda: causa que patrocinasse, é que tiuha por ella o direito. Os que se atrevem a soterrar a justiça ao peso da influencia social ou argentaria, com a consciencia proterva dos tyrannos ou dos egoistas infames, desviavam-se da

porta de Silveira Torres como de ruina eminente ao seu plano traiçoeiro.

Ha muito, por seus incommodos, retirado das lides forenses, ainda hoje era com frequencia consultado em difficilimas questões, para decidir a que parte inclinava a justiça, que era segura sempre a opinião d'este luminoso e integerrimo espirito.

Christão, honrava-se de fazer diariamente larga visita aos Sagrados Lausperennes, havendo muito que aprender no recolhimento profundo e na gravidade magestosa com que Silveira Torres se demorava no lugar sancto, na casa de Deus, casa de oração, tanta vez feita hoje não sabemos se covil de ladrões, mas certissimamente gabinete de palestra, club de risota, eschola de deseducação. Commungava com muita frequencia e muito era o tempo dado á oração quotidiana, na qual era assiduo, sem que d'ella o desviassem as suas muitas occupações e as suas não menos enfermidades, que por longos annos só quasi por milagre o deixavam viver.

A' ultima hora anceava por todas as graças as benções que a Egreja enthesoura para enriquecer os seus filhos. Na recepção do Sagrado Viatico, celebrando-se na capella de sua casa, ergueu-se com um supremo esforço do leite de dor, e subiu, juncto do altar, com espanto de todos, a avigorar-se com o pão dos fortes para o ultimo combate da vida.

Da Virgem, de quem era devotissimo, obteve a graça de fallecer n'um sabado, privilegio constantemente prezado pelos heróes da Egreja militante.

Tenha-o Deus em sua gloria e os bons leitores intercedam fervorosos por esta alma de eleição.

D. P.

## RETROSPECTO

*O Seminario de Sancto Antonio e S. Luiz Gonzaga.*—Este bem dirigido instituto, que tam admiraveis beneficios vai fazendo ao clero da vasta archidiocese bracharense, colheu ha pouco um de seus melhores fructos na classificação obtida em Roma por um dos mais aproveitados alumnos d'aquella casa, actualmente no centro da christandade, tractando de seu doutoramento nas sciencias theologicas. A carta que transcrevemos, obsequiosamente cedida pelo benemerito Director do Seminario a que nos referimos, dá clara idéa do assumpto. Lemos n'ella:

«Caro Director:

Roma, 17 de janeiro.

Devo-lhe uma importante noticia que, por certo, ser-lhe-ha tão agradável como é consoladora para mim, que tudo lhe devo, o ter preparado uma nova occasião de mostrar-lhe que me esforço por corresponder ás altas finezas com que me honra.

Aproveitando cuidadosamente todos os momentos livres dos meus estudos philosophicos, consegui habilitar-me para o bacharelato em direito canonico.

A approvação obtida, que absolutamente não é obra dos meus escassos recursos intellectuaes, mas de um adoravel auxilio da Virgem, foi bastante honrosa para mim por ser a unica do dia, e com outra, as duas da epocha extraordinaria. Entre os oito candidatos havia jovens padres francezes de muito talento.

Foi na Pontificia Universidade de Santo Appolinar, a de melhor nome em sciencias juridicas, presidida pelo em.<sup>mo</sup> cardeal vigario de Sua Santidade, purpurado que allia a uma superior intelligencia e erudição vastissima as mais brilhantes qualidades de coraçao. Já tive a hora de lhe ser apresentado, dominando-me e captivando-me tanta affabilidade.

Depois da satisfação que naturalmente me trouxe o *approvo* em taes circumstancias e, principalmente, da

que me vem em annunciar-o ao meu mais generoso amigo e querido protector, sinto outra não menor por ter vencido em poucos dias de aturado estudo as perdas causadas pelo desfalecimento que entrou no meu espirito quando, tres semanas antes, veio amargurar-me rudemente a noticia da morte de minha irmã a mais querida.

Queira abençoar-me e acceitar os protestos do meu particular affecto e subida gratidão.

am.<sup>o</sup> m.<sup>o</sup> ob.<sup>o</sup>

Padre João Guimarães.»

No Seminario de Sancto Antonio e S. Luiz Gonzaga foi um dia de festa innocentemente infantil o dia 5 do passado.

Quando o mundo *civilizado* recordava doidamente as vis saturnaes do paganismo, os futuros sacerdotes do seminario adestravam-se em douda declamação n'um alegre sarau dramatico, que principiou pelo «*Terrivel*», monologo em verso, seguindo-se «*Uma conversão no tempo de Diocleciano*», drama em 3 actos, e concluindo com as «*Atribulações d'um estudante*», disparate em 1 acto, e «*Uma ceia amargurada*», comedia em 1 acto.

Foi uma festa esplendida, com primorosa execução, tanto na parte comica e dramatica como na musical.

Merecem parabens quantos n'ella tomaram parte, e mui particularmente o digno director d'aquelle estabelecimento, cuja vida é heroicamente devotada á educação esmerada dos jovens candidatos ao sacerdocio christão.

Agradecemos o convite com que obsequiosamente nos honraram.

\* \* \*

Transcrevemos da «Palavra» o que vae ler-se:

«*A Ordem*».—Com grande desgosto lemos hontem n'este nosso presado collega: «Até ao fim do proximo mez de março, a «*Ordem*» talvez se não possa publicar senão tres vezes por semana, mas daremos supplementos nos dias em que se não publique, quando hou-

ver alguma noticia importante a comunicar aos nossos leitores. Se até ao fim de março, a cobrança, a que novamente vamos proceder, der um resultado satisfactorio, o nosso jornal continuará a sahir diariamente, como ardentemente desejamos.»

O motivo d'esta resolução, que todos os catholicos devem lamentar, porque «*A Ordem*» está prestando importantes serviços á causa da religião, é o atraso no pagamento das assignaturas, poisque, desde que «*A Ordem*» se publica diariamente, ha quasi dois annos, o debito á sua administração passa de dois contos de reis.

Queixa-se tambem o nosso presado collega de que a cobrança, a que ha pouco procedeu por intermedio do correio, pouco resultado lhe deu; e que assignantes houve que, sem nunca lhe devolverem o jornal, declararam agora terminantemente que não pagavam.

Este facto ainda é mais para lamentar. Ninguem é obrigado a assignar jornaes; mas, desde que se acceita, é-se obrigado a pagal-o.

Sentimos a resolução que o nosso presado collega tomou; mas sentimos ainda mais que fosse obrigado a tomal-a por culpa dos assignantes remissos.

Ah! se esses assignantes soubessem as difficuldades com que se lucta para sustentar um jornal diario, por certo que não se atrazariam tanto nos seus pagamentos!

O assignante diz de si para si: «Pouca ou nenhuma differença pôde fazer á empreza os poucos tostões que lhe devo.» Mas não se lembra que, como elle, pensam muitos, e que os poucos tostões de muitos, sobem a alguns contos de reis de desembolso, o que colloca a empreza em sérios embarracos.

Fazemos votos porque o nosso presado collega vença as difficuldades presentes e continue a publicar-se diariamente, com o que muito terá a lucrar a causa catholica e a da Egreja.»

Fevereiro—26.

D.

Pede-se uma AVE MARIA por uma necessidade.

## O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 18000 reis—Estados da India, China, e America, 18280 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis. Edição de papel de luxo, mais 200 reis.

**As assignaturas são pagas adiantadamente, por um ou meo anno.**

Tudo o que se refere á redacção, incluindo troca de jornaes, seja enviado a

Manuel Maria Fructuoso—Rua da Alegria, 6—GUIMARÃES

Tudo o que pertence á administração seja dirigido a José J. da Silva Guimarães—rua de Gil Vicente, 64—GUIMARÃES.